



Diagnóstico da Candidíase Vulvovaginal: Estratégias Atuais

Ryan Rafael Barros de Macedo¹, Guilherme Thomas Ferreira Lucena², Leandra Hoffelder Corradi³, Isabela Vitória Grasso⁴, Fernanda Caires Rebouças⁵, Laura Kapp Rangel⁶, Sheylla Karine Medeiros⁷, Matheus Ravel Lopes Arrais⁸, João Vitor Souto Lopes⁹, Beatriz dos Santos Simões¹⁰, Briana Matos de Almeida¹¹, Rafael Magno Leonhardt¹²

 <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n2p2021-2028>
Artigo publicado em 21 de Fevereiro de 2025

RESUMO

A candidíase vulvovaginal (CVV) é uma infecção comum do trato genital feminino, causada principalmente por espécies de *Cândida*, com destaque para *C. albicans*, embora infecções por espécies não albicans (NAC), como *C. glabrata*, estejam se tornando mais prevalentes. O diagnóstico de CVV é desafiador devido à sobreposição de sintomas com outras condições vaginais e à variedade de métodos diagnósticos disponíveis. A microscopia do corrimento vaginal, embora amplamente utilizada, possui sensibilidade limitada, especialmente na detecção de *C. glabrata*, que não forma hifas. A cultura fúngica, considerada o padrão-ouro, leva de 48 a 72 horas para resultados, o que pode atrasar o início do tratamento. Recentemente, os testes moleculares, como a reação em cadeia da polimerase (PCR), têm mostrado alta sensibilidade e especificidade, representando uma alternativa promissora para o diagnóstico rápido e preciso da CVV. No entanto, o uso de PCR ainda enfrenta limitações em termos de custo e acessibilidade. O tratamento da CVV deve ser baseado na identificação precisa da espécie causadora, considerando a possibilidade de resistência, especialmente em infecções por espécies de *Cândida* menos comuns. A combinação de métodos clínicos e laboratoriais é essencial para o diagnóstico e manejo eficaz da CVV.

Palavras-chave: Candidíase vulvovaginal, *Cândida*, diagnóstico, PCR, infecção vaginal.



Instituição afiliada –

- ¹ Discente - Medicina no Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC
- ² Residente em Ginecologia e Obstetrícia pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
- ³ Discente - Medicina na Universidade do Oeste de Santa Catarina
- ⁴ Discente - Medicina na Universidade do Sul de Santa Catarina
- ⁵ Discente - Farmácia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
- ⁶ Bacharel - Medicina na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais
- ⁷ Bacharel - Medicina na Faculdade de Medicina de Petrópolis
- ⁸ Discente - Medicina na Universidade Nilton Lins (Manaus – AM)
- ⁹ Discente - Medicina na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
- ¹⁰ Discente - Enfermagem na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
- ¹¹ Bacharel - Medicina na Universidad Nacional de Rosario
- ¹² Bacharel - Medicina na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Autor correspondente: *Ryan Rafael Barros de Macedo* ryrafael12@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A candidíase vulvovaginal (CVV) é uma infecção comum, frequentemente associada ao crescimento excessivo do fungo *Candida albicans*, uma levedura que faz parte da flora vaginal normal, sem causar sintomas em condições fisiológicas. No entanto, diversos fatores podem favorecer o seu desenvolvimento, resultando em sintomas típicos, como prurido, irritação e secreção vaginal anormal. (COOKE et al., 2022; NEAL; MARTENS, 2022) Estima-se que até 75% das mulheres experienciem pelo menos um episódio de CVV ao longo de suas vidas, com cerca de 5% delas apresentando episódios recorrentes, condição que caracteriza a candidíase vulvovaginal recorrente (RVVC). (COOKE et al., 2022) As infecções recorrentes podem impactar substancialmente a qualidade de vida das pacientes, causando não apenas sintomas físicos, mas também consequências psicológicas, além de representar um considerável fardo financeiro tanto para as mulheres quanto para o sistema de saúde. (SATORA et al., 2023)

Embora a candidíase vulvovaginal não complicada seja frequentemente diagnosticada com base nos sintomas clínicos apresentados, o diagnóstico adequado, especialmente em casos de CVV recorrente, requer testes laboratoriais confirmatórios, como microscopia e cultura fúngica. Isso é essencial, pois mulheres com candidíase vulvovaginal recorrente têm maior risco de infecções causadas por espécies menos comuns de *Candida* ou cepas resistentes a antifúngicos, como os azóis. (NEAL; MARTENS, 2022) A falha no diagnóstico correto pode resultar em tratamentos ineficazes e na persistência ou agravamento da infecção, além de contribuir para problemas de subdiagnóstico ou sobrediagnóstico. (SATORA et al., 2023)

Os tratamentos atuais para CVV incluem medicamentos tópicos e orais, sendo os azóis (fluconazol, clotrimazol, entre outros) a escolha preferencial para as infecções não complicadas. Entretanto, a candidíase vulvovaginal recorrente frequentemente exige terapias de longo prazo, como o tratamento de manutenção com fluconazol, recomendado por até seis meses, com taxas de recidiva de até 50%. (COOKE et al., 2022) Além disso, a resistência ao tratamento convencional tem levado ao desenvolvimento de novas opções terapêuticas, como o oteseconazol e o ibrexafungerp, além de

abordagens alternativas, como imunoterapia e terapias com probióticos. (SATORA *et al.*, 2023) A abordagem para o manejo de CVV, particularmente em casos mais complicados ou resistentes, continua a evoluir, e a literatura científica aponta para a necessidade de estudos adicionais para elucidar melhores estratégias de tratamento e prevenção, incluindo formas atípicas da doença e suas implicações no tratamento. (MOLLAZADEH-NARESTAN *et al.*, 2023)

Portanto, o diagnóstico precoce e a escolha de estratégias terapêuticas adequadas são cruciais no manejo eficaz da candidíase vulvovaginal, especialmente considerando a complexidade das infecções recorrentes e o crescente desafio das cepas resistentes a antifúngicos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta revisão bibliográfica envolveu a busca sistemática de artigos na base de dados PubMed, utilizando os descritores *Candidiasis* e *Diagnosis*, com foco em estudos publicados entre 2019 e 2024. A seleção dos artigos foi realizada com base em critérios de inclusão, como a relevância dos estudos para o diagnóstico da candidíase vulvovaginal, a disponibilidade dos textos completos e a publicação em idiomas selecionados (inglês, espanhol e português). Foram excluídos artigos fora do período estipulado, aqueles que não estavam disponíveis na PubMed e os que não abordavam especificamente o diagnóstico vulvovaginal. A triagem inicial foi feita por título e resumo, seguida pela leitura completa dos artigos, com uma análise qualitativa sobre os métodos diagnósticos, inovações e desafios encontrados. A reprodutibilidade do processo foi garantida através de uma avaliação consistente e detalhada dos artigos, assegurando a transparência e a qualidade da seleção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre o diagnóstico da CVV deve ser abordada considerando tanto a complexidade do quadro clínico quanto a diversidade de métodos diagnósticos disponíveis. Como a *Candidiasis* é um comensal vaginal comum, a simples presença de *Cândida* não é suficiente para o diagnóstico de infecção. A CVV é caracterizada por sinais e sintomas de inflamação, associados à presença de espécies de *Cândida*, mas sem outras etiologias infecciosas, exceto em casos de coinfeção. Os sintomas mais comuns, como prurido vulvar, dor, vermelhidão e disúria, são frequentemente inespecíficos e

podem se sobrepor a outras condições vaginais, o que torna a clínica insuficiente para o diagnóstico definitivo de CVV. Além disso, a variação nos sintomas entre as pacientes pode gerar desafios no diagnóstico clínico, resultando em subdiagnóstico ou superdiagnóstico, com impacto no manejo terapêutico. (NEAL; MARTENS, 2022)

Outro ponto crucial é o papel do pH vaginal. Em condições de CVV, o pH vaginal tende a ser normal, enquanto pH elevado pode sugerir a presença de outras infecções vaginais, como a vaginose bacteriana. A coocorrência de CVV com outras infecções pode complicar o diagnóstico, sendo necessário um exame mais aprofundado para distinguir as condições subjacentes. A prevalência crescente de infecções por *Cândida* não albicans (NAC), como *C. glabrata*, também tem se tornado um desafio, visto que essas espécies não formam hifas ou pseudo-hifas, tornando a microscopia menos eficaz para identificá-las. Apesar disso, a microscopia continua sendo um método rápido e comum para a detecção de leveduras, ainda que sua sensibilidade seja limitada, variando de 40% a 70%. (NEAL; MARTENS, 2022)

Em relação aos métodos diagnósticos, a cultura fúngica é considerada o padrão-ouro, sendo capaz de identificar a espécie de *Cândida* com alta precisão. No entanto, a demora no resultado – geralmente entre 48 e 72 horas – pode atrasar o início do tratamento, o que pode ser um fator limitante. Em contrapartida, testes moleculares como a reação em cadeia da polimerase (PCR) têm ganhado destaque, apresentando alta sensibilidade e especificidade, o que os torna uma alternativa promissora para o diagnóstico de CVV, especialmente em infecções causadas por espécies menos comuns, como *C. glabrata*. Em um estudo recente, a PCR apresentou uma sensibilidade de 90,9% e especificidade de 94,1% para a detecção de *Cândida*, e para *C. glabrata*, a sensibilidade foi de 75,9% e especificidade de 99,7%. (SATORA *et al.*, 2023)

No entanto, os testes moleculares ainda enfrentam desafios em termos de custo e acessibilidade. Além disso, enquanto os métodos tradicionais continuam sendo amplamente utilizados, a identificação precoce e precisa das espécies envolvidas nas infecções vaginais é essencial para otimizar o tratamento e reduzir o risco de resistência, especialmente com o aumento das infecções por espécies de *Cândida* resistentes. A busca por métodos diagnósticos rápidos e mais precisos, como a PCR, é um passo importante para o avanço no manejo da CVV. (SATORA *et al.*, 2023)

O diagnóstico de CVV, portanto, deve ser baseado em uma combinação de achados clínicos e laboratoriais, levando em consideração a diversidade de sintomas apresentados pelas pacientes e os diferentes métodos de diagnóstico. Estudos futuros devem focar no aprimoramento de testes moleculares, especialmente para detectar infecções por espécies resistentes ao tratamento, como *C. glabrata*. O desenvolvimento de novas estratégias diagnósticas mais rápidas e sensíveis pode contribuir significativamente para melhorar o tratamento da CVV e, conseqüentemente, a qualidade de vida das pacientes afetadas. (SATORA *et al.*, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A candidíase vulvovaginal continua a ser uma condição prevalente e desafiadora no diagnóstico e manejo. A combinação de métodos clínicos e laboratoriais é fundamental para garantir a precisão diagnóstica, especialmente diante da diversidade de espécies de *Cândida* envolvidas e da possibilidade de coinfeção. Embora a microscopia e a cultura fúngica permaneçam os métodos mais comuns, os testes moleculares, como a PCR, oferecem uma alternativa eficiente e de alta sensibilidade, representando uma melhoria significativa na detecção rápida de *Cândida*, incluindo *C. glabrata*, que tem se mostrado resistente ao tratamento convencional. A implementação desses testes, contudo, deve ser acompanhada de uma avaliação dos custos e da acessibilidade, visando proporcionar a melhor abordagem terapêutica para as pacientes. O desenvolvimento de novas estratégias diagnósticas e terapêuticas será crucial para lidar com o aumento das infecções por espécies resistentes e melhorar os desfechos clínicos das mulheres afetadas pela CVV.

REFERÊNCIAS

COOKE, G. *et al.* Treatment for recurrent vulvovaginal candidiasis (thrush). **The Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 1, n. 1, p. CD009151, 10 jan. 2022.

MOLLAZADEH-NARESTAN, Z. *et al.* Comparing the Effect of Probiotic and Fluconazole on Treatment and Recurrence of Vulvovaginal Candidiasis: a Triple-Blinded Randomized Controlled Trial. **Probiotics and Antimicrobial Proteins**, v. 15, n. 5, p. 1436–1446, out. 2023.

NEAL, C. M.; MARTENS, M. G. Clinical challenges in diagnosis and treatment of recurrent vulvovaginal candidiasis. **SAGE Open Medicine**, v. 10, p. 20503121221115201, jan. 2022.

SATORA, M. *et al.* Treatment of Vulvovaginal Candidiasis-An Overview of Guidelines and the Latest Treatment Methods. **Journal of Clinical Medicine**, v. 12, n. 16, p. 5376, 18 ago. 2023.

